

O MuBE inicia o ano de 2021 com uma mostra retrospectiva de Amilcar de Castro. Em comemoração ao centenário do artista, temos o imenso prazer de convidar o público a percorrer o espaço do museu, de Paulo Mendes da Rocha, habitado pelas esculturas, pinturas e peças gráficas do artista mineiro que dizia ter “ferro no solo e na alma”.

Amilcar estudou com Guignard e com Franz Weissman, artistas-professores que marcaram profundamente sua trajetória. Lições sobre a linha e sobre o espaço foram apreendidas e se transformaram em desafios poéticos que Amilcar experimentou, por toda sua vida, com extrema destreza: na lida com a matéria, na diagramação de peças gráficas (Jornal do Brasil, Manifesto Neoconcreto, entre outros), na convivência com a chapa plana que se dobra e inaugura espaços.

A mostra *Amilcar de Castro: na dobra do mundo* reúne obras, que provocaram importantes mudanças no cenário da arte brasileira e sobre as quais há uma vasta fortuna crítica. Amilcar deixou um legado para muitas gerações, que o procederam, e abriu caminhos para criarmos e pensarmos com rigor, liberdade e experimentação.

Amilcar nos coloca em contato direto e imediato com o espaço vivo e dinâmico de nossas relações, ecoando, o que nos propõe o professor, escritor e filósofo Vladimir Safatle (2017): “O que nos falta é rigor. Sim, rigor: a mais estranha de todas as paixões, esta que queima e constrói. Nenhuma verdadeira construção se ergueu sem essa impressionante crueldade de artista que se volta contra si mesmo (...). Só a verdadeira disciplina, (...) que é trabalho sobre si, que é produção de uma revolução na sensibilidade, salva. Uma disciplina de artista. É ela que falta à nossa política”.

Assim, podemos ousar dizer que, em um momento em que nossos lugares de encontro e convivência se tornaram mais raros e complexos, a obra de Amilcar, em sua monumentalidade e, ao mesmo tempo, no modo como guarda a elementariedade de seus gestos de construção, nos instiga a imaginar coletivamente outras formas de ser e estar aqui, a olhar e habitar o mundo com força, ousadia e rigor.

Galcini Neves, Curadora-chefe do MuBE

Diálogos Contemporâneos

Matéria-linha

Um gesto preciso no cobre inaugura a dobra como método. A seguir, uma linha passa incidindo no material. Ao longo do tempo, dobrar e cortar a chapa plana se afirmaram e se intensificaram como procedimentos de criação de uma obra ou o “nascer da terceira dimensão”, como Amilcar de Castro preferia nomear a escultura. Para o artista, eram os diversos modos como a linha se organizava no espaço que definiriam se o processo lograria uma escultura, um desenho ou mesmo a própria constituição de espaço. E seria sempre a linha, com uma “importância fabulosa, (...) a estrutura da minha sensibilidade”, dizia o artista.

A linha, – gesto e elemento construtivos na poética de Amilcar, também a expressão da tensão entre o espaço plástico e o seu entorno, a “linha orgânica”, para Lygia Clark – a supressão da moldura e da base, o rompimento com as convenções e distâncias entre obra e sujeito observador, a invenção de processos e posturas antiformalistas, entre outras tantas e importantes questões, estavam no cerne da construção de trabalhos e mobilizaram artistas (como Hélio Oiticica, Lygia Pape e outros artistas cariocas e “adidos aos neoconcretos do Rio”), entre as décadas de 1950 e 1960, a dispensar o espaço metafórico e a experimentar e se lançar no espaço da experiência. Seus trabalhos pretendiam, como nos diz Aracy Amaral em texto de 1977, “consumar o rompimento do espaço tradicional da arte (...) ao se inserirem no espaço real através de sua mobilidade no espaço”.

Adentrar da produção artística brasileira é lidar com a complexidade de alguns dos processos que radicalizaram nossas formas de pensar, produzir e vivenciar arte. E nesse sentido, estar em contato com a obra de Amilcar, no MuBE, em uma retrospectiva que comemora seu centenário, acende pensamentos acerca das especulações com geometrias não-euclidianas, das objeções à leitura passiva da obra, das concepções não instrumentalizadas do espaço, de práticas fenomenológicas com a linha. Assim, com o capítulo matéria-linha, propomos um contexto de fluxos e contrapontos entre a linha construtiva dos desenhos, obra gráfica e esculturas de Amilcar e sua presença plural em trabalhos contemporâneos brasileiros.

Sem a intenção de constituir um panorama temático, tampouco estabelecer filiações, matéria-linha apresenta uma seleção de trabalhos que anunciam a

amplitude das questões aqui propostas. Carmela Gross, Lia Chaia, Malvina Sammarone, Max Willà Moraes, Moisés Patrício, Rubiane Maia e Carla Borba, Tomie Ohtake e Wladimir Dias-Pino evidenciam a pluralidade de seus investimentos artísticos e experimentações com a linha. E nos convidam, a partir de linguagens e práticas de contextos e percursos bem distintos, a perceber a linha como desenho que acontece no espaço, que habita o espaço; em distintas materialidades; como movimento, no ir e vir do alinhavo, como gesto de aproximar e juntar; como impulso coreográfico e como palavra e instância de ação política.

São trabalhos que parecem também ecoar a pergunta do antropólogo britânico Tim Ingold: "O que caminhar, tecer, observar, contar uma história, desenhar e escrever tem em comum?". Todas essas ações, assim como as que estão aqui presentes nos processos de criação das e dos artistas e em nosso cotidiano, acontecem em linhas que conectam humanos e não-humanos, geram vida, rastros, heranças e conhecimentos compartilháveis, que são linhas. E, assim, tem a potência de alargar nossos pensamentos, nos sugerir insurgências, nos afirmando que "a vida não é confinada no interior de pontos, mas procede ao longo de linhas" (Ingold, 2007), que podem ser construídas e habitadas como lugares de encontro, de transbordamento de subjetividades.

Galciani Neves, Curadora-chefe do MuBE